

O Saptahrishis: Uma história de Bhagavan Nityananda

Recontado por Eesha Sardesai

Na Índia é dito que o céu noturno é iluminado pelos *saptahrishis*, os sete sábios, cujos ensinamentos têm sido reverenciados há milênios, que receberam o conhecimento das escrituras por inspiração divina e dedicaram o trabalho de suas vidas para transmitir esse conhecimento aos outros. Para cada um desses sábios — para Kashyapa, Atri e Bharadvaja; para Vishvamitra e Gautama; para Jamadagni e Vasishtha — há uma estrela no céu. Juntas, essas sete estrelas compõem a constelação de *saptarishi* — conhecida no Ocidente como a Ursa Maior.

Muitas pessoas na Índia realizam *puja* para estes sete sábios. O costume é fazer essa adoração na lua cheia do mês de Shravana, que em geral corresponde ao mês de agosto. Porém, existem aqueles que fazem esse *puja* durante o ano inteiro, caso tenham transformado esse ato em sua própria tradição pessoal.

Tal foi o caso particular de uma mulher, uma *amma*, que viveu em Mumbai nos anos 1950. Todos os meses, na noite da lua cheia, ela colocava sete nozes-de-areca no *puja*. Cada noz representava um sábio. Ela acendia uma chama e incenso, e enquanto as delicadas colunas de fumaça subiam em espiral, ela realizava seu *puja*.

Essa *amma* coincidentemente era uma devota do grande Guru Siddha, o Mestre vivo que habitava no vilarejo de Ganeshpuri, no Vale do Rio Tansa. Ela era devota de Bhagavan Nityananda.

Certo ano, durante o verão, essa *amma* fez uma viagem a Ganeshpuri para receber o *darshan* de Bade Baba. Ela planejava ficar no vilarejo por uns dias e então voltar para casa na lua cheia, de forma que pudesse fazer seu *puja* para os *saptarishis*.

Quando chegou o dia de lua cheia, a *amma* se preparou para visitar Bade Baba e receber seu *darshan*, antes de voltar para casa. Ela seguiu pelo caminho estreito até Kailas Nivas, a casa recém construída para Bade Baba, o lugar onde ele dava *darshan*. Estava tudo silencioso no vilarejo. Naquela época, no vilarejo havia algumas poucas casas, aqui e acolá, e uma loja – uma mercearia, que foi aberta por devotos de Bade Baba, sob sua orientação, em benefício dos visitantes que vinham de outros lugares.

Quando a *amma* se aproximava de Kailas Nivas e já dava para ver seus arcos e domos, percebeu que as portas ainda não estavam abertas. Assim, ela se sentou do lado de fora e decidiu esperar. Algumas outras pessoas perambulando por perto, a maioria delas também estavam esperando o *darshan*.

Dez minutos se passaram. Vinte. Uma hora, duas; a manhã já estava se transformando em tarde. O sol de verão estava a pino, um globo branco brilhante se confundindo com o azul do céu. A *amma* estava começando a ficar preocupada. Por um lado, se ela não voltasse para casa logo, perderia o horário do *muhurta*, o horário específico, durante o qual ela precisava realizar o *puja saptarishi*. Ela tinha que fazer seu *puja*. Era sua prática regular, ela tinha assumido o compromisso de fazê-lo. Era sua maneira de agradar os sete sábios e receber suas bênçãos.

No entanto — ela estava ali em Ganeshpuri para ver seu Guru, Bade Baba. Ela não podia deixar o vilarejo sem receber o *darshan* dele, sem informá-lo sobre sua partida, sem receber a permissão dele para ir embora.

Enquanto a *amma* matutava sobre essa situação, seu olhar passou pelas fontes termiais que estavam a poucos passos de distância. As nascentes desaguavam em tanques retangulares, dos quais emanavam colunas de vapor. Todas as manhãs, em torno das 3 horas da madrugada, Bade Baba tomava banho nesses tanques. E mais tarde, ao longo de todo o dia, conforme as pessoas vinham para o darshan de Bade Baba, elas também iam com frequência se banhar – desta forma se limpando antes de se aproximarem o Guru.

A *amma* se levantou do banco e foi até as fontes, pensando que tomaria um breve banho enquanto esperava. Como estava um dia tão quente que não havia mais ninguém por perto; ela tinha toda fonte à sua disposição. Assim, ela segurou as dobras de seu sari e foi entrando na água.

Quando estava desfrutando seu banho – a água alcançando sua cintura e gentilmente rodando ao seu redor – ela ouviu um som, vindo de algum lugar ali perto. Na verdade, diversos sons: gritinhos de alegria, o tamborilar de pequenos pés. Ela olhou em volta e, para sua surpresa, viu um bando de rapazes de pé à beira da água. Havia um, dois, *sete* deles no total, e não tinham mais que cinco ou seis anos de idade.

Antes que pudesse dizer alguma coisa, eles pularam para dentro da água e começaram a brincar. Eles espirraram água uns nos outros, espirraram água nela, e brincaram ao seu redor de todo tanque.

"Crianças" disse ela, com uma voz doce, mas firme, "por favor, não me perturbem enquanto estou tomando banho."

Um pouco depois, a *amma* saiu da fonte, colocou uma roupa seca e retornou a Kailas Nivas. O relógio já andava pelo meio da tarde. Conforme se aproximou da casa, havia um certo *frisson* no ar, uma certa antecipação. As pessoas estavam se alinhando, se preparando.

E então, as portas de Kailas Nivas se abriram. Um dos assistentes começou a direcionar as pessoas para dentro, para o *darshan*. Bade Baba estava sentado lá dentro.

Quando chegou a vez da *amma* ter *darshan*, ela chegou diante de Bade Baba. Sua forma era escura e luminosa, sua própria presença embebendo cada partícula da atmosfera com aquela qualidade que poderia parecer tão elusiva, mas que em torno dele estava sempre lá, vibrando: *paz*. Ela se ajoelhou em *pranam*.

Então Bade Baba lhe disse:

— Quer dizer que você teve o *darshan* dos *saptarishis*?

A *amma* levantou o olhar, com uma expressão espantada no rosto. Na Índia é dito que a *vrita* de uma pessoa, seu compromisso, gera frutos quando ela recebe o *darshan* da deidade que reverencia. Imediatamente a *amma* se lembrou dos sete garotos. Ela olhou fixamente para Bade Baba.

Em seu coração, em sua mente, ou talvez em algum lugar ilimitado e luminoso, as palavras dele reverberaram.

— Quer dizer que você teve o *darshan* dos *saptarishis*?

